

Candidato do PDT acha que repete 82

Silvio Ferraz
Correspondente

PARIS — O candidato do PDT, Leonel Brizola, afirmou ontem na capital francesa ser Collor o novo visual das oligarquias brasileiras. “É um produto da ditadura, é a nova cara da ditadura”, frisa. Para ele, no entanto, isso não assusta. “Basta recordar a minha campanha para governador do Rio de Janeiro em 1982: seis meses antes de eu ser eleito, a Sandra Cavalcanti tinha 62% nas pesquisas e eu apenas 6%”. Brizola estabelece um paralelo entre aquele momento e a atual campanha presidencial e profetiza: “A candidatura Collor começará a despencar depois de sua viagem à Europa”.

Perguntado sobre quais indicadores o levam a esta conclusão, foi lacônico: “Palpite, intuição”.

O candidato do PDT mostra-se inconformado com o fato de a TV Globo “invadir os lares sem pedir licença, divulgando pesquisas com resultados forjados. A TV Globo é o maior partido político do Brasil e deveria pedir o seu registro como PRG — Partido Rede Globo”, diz.

Otimista — Brizola afirma, pela primeira vez no exterior, que acredita na sua vitória: “E, nesse caso, já no primeiro dia, na primeira manhã, tratarei de ocupar-me com a Rede Globo, pois considero o Brasil um país ingovernável com o seu monopólio”.

O candidato exhibe sua convicção de que Collor é um produto pronto e acaba-

do da máquina dirigida por Roberto Marinho. “Eles não poderiam sair com um Geisel ou um Armando Falcão como candidatos, e foram buscar uma cara nova”, disse referindo-se à direita. “Devo reconhecer ser Roberto Marinho um homem inteligente e muito capaz, mas cresceu na estufa da ditadura”, frisa.

Brizola admite o crescimento da popularidade de Collor mas, ressalva: “Não no nível que se propaga”. Para ele, a voz abalizada em pesquisa é a do Ibope. “Esta Vox Populi está a serviço de Collor”, garante. Índices à parte, o ex-governador do Rio de Janeiro, a cada momento, reafirma sua convicção “intuitiva” de que a campanha de seu oponente se desmanchará em pouco tempo.

Quando a entrevista passa para o campo econômico, Brizola fica triste com o repórter que não conhece seu tão propalado “modelo australiano”. Acaba condescendendo ao pedido de explicações, mas não consegue ultrapassar o terreno das boas intenções e atola em lugares comuns. “O modelo australiano deu ao seu povo uma renda per capita de 12 mil dólares”, entusiasma-se. “Mas, quando coloco o modelo australiano sobre a mesa estou pensando em discutir, em questionar o atual modelo brasileiro”, observa.

Dívida — Na questão da dívida, o ex-governador acredita ser imprescindível levar ao conhecimento da opinião pública internacional a situação calamitosa dos países endividados. “É preciso divulgar a convivência dos banqueiros neste endividamento desonesto”, afirmou.

Ainda no campo econômico, o candidato do PDT afirma ser falso dilema o debate Estatização x Privatização. “A regra é a livre iniciativa; a exceção é a participação estatal, mesmo assim em nome do interesse público”.

Reserva de mercado? “Claro que sou favorável. É como uma plantinha no jardim. Temos que cercá-la, protegê-la para que cresça. Mas, não podemos criar cartórios”, adverte. E a informática? “Já está na hora de cogitarmos de levantar a reserva de mercado”, anuncia. Para Brizola, no entanto, o importante é questionar a reserva de mercado da indústria automobilística. E justifica: “Nossos carros são caros, obsoletos e isso não é possível continuar”. “Este modelo econômico está exaurido. Não dá mais nada. Assim como na época da monarquia, a ordem econômica baseada no trabalho escravo foi obrigada a mudar radicalmente”, observa.

Brizola descarta a apresentação esquemática do programa de seu governo: “Isso seria uma prepotência. Seria fácil mandar uma equipe preparar um programa, encaderná-lo e distribuir. Mas, isso não é do meu feitio. Quero viver o processo democrático. Temos que ver o que quer o povo”, explica.

O candidato terá amanhã um almoço no Ministério das Relações Exteriores da França e às 16h30 será recebido pelo presidente François Mitterrand. Na agenda: a posição do presidente francês sobre a dívida. “Ele é um vanguardista nesta questão. É preciso ouvir o que ele tem a dizer”, afirma o ex-governador.